

Referências

- Bachelard, Gaston (1993) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
Blanchot, Maurice (1987) *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco.
Silveira, Betânia (2009) *Percurso e quíasmias*. Revista da pesquisa, Florianópolis, v. 4, n. 1 [Consult. 2009-12-18] Disponível em <URL: www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/.../artigobetania.pdf>.

3.04 Pintura, fios, paciência e memória na *Dresden* de Vuk Jevremovic

António Costa Valente*

Abstract. *This paper analyses the film 'Patience of the Memory', from the painter and moviemaker Vuk Jevremovic, following a perceptive approach of the image, the movement and plastic construction of the work, in every single minute of the film.*

Keywords: *Vuk Jevremovic, painting, film, Dresden.*

Resumo. *Este artigo analisa o filme 'Patience of the Memory' do pintor e cineasta Vuk Jevremovic, numa abordagem perceptiva à imagem, movimento e construção plástica da obra ao longo de cada um dos seis minutos do filme.*

Palavras chave: *Vuk Jevremovic, pintura, filme, Dresden*

Introdução

Vuk Jevremovic nasceu em Frankfurt mas passou a sua infância na ilha de Hvar e em Belgrado onde estudou arquitectura. Depois de um tempo como marinheiro num submarino, dedicou-se por inteiro à pintura e desenho. Já em Munique, estudou nas Belas Artes com Gerhard Berger e Joseph Kosuth.

A animação surge casualmente em Zagreb com o conhecido animador Nedeljko Dragic assistindo aos seus cursos de animação.

O seu primeiro filme *The Wind Subsides*, baseado num leopardo em movimento ganhou 19 prémios e foi exibido em todo o mundo. *Panther*. Baseado num poema de R.M.Rilke, veio a ter um enorme reconhecimento internacional, sendo premiado em 15 festivais e nomeado para o OSCAR do melhor filme de animação.

Desde então tem realizado sucessivos filmes de curta-metragem, coleccionando prémios e nomeações em todo o mundo. 'Patience of the Memory' é o seu mais recente trabalho.

'Patience of the Memory'

Espreitar uma cidade é cravar um buraco por onde se possa entrar no seu tempo e galgar os dedos entre os espaços de uma memória.

* Portugal, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro. Artista visual, cineasta e professor, é autor do livro 'Cinema sem Actores' (2001). Dirige desde 1979 o 'AVANCA - Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia'.

Vuk Jevremovic fez isto. Num espaço de manchas fortes de tinta crua, distinguiu uma área, um buraco e espreitou.

Vuk carregou de massa, tinta e riscos um enquadramento quase volátil no tempo de percepção e um suporte dinâmico, mas quase eternamente repetível.

Sentar em frente do seu suporte dura 6 minutos antes que desapareça e é esse o tempo de espreitar uma memória de uma cidade a que chamou *Patience of the Memory*.

Em cada minuto passam memórias de gestos e actos de mão desenhados com vigor, figuração procurada, raiva de tinta, marcas de reacção sensorial em cores e matéria ocupante.

1. Um primeiro minuto ocupa-se com:

1.1 Manchas constroem traços de tinta e surge uma figura animal. Animal que se afasta e constrói uma nova mancha quase florestal de um negro presente.

1.2 Floresta agora óbvia, logo depois um rio igualmente óbvio e o verde é agora uma cor presente. Temos paisagem.

1.3 A paisagem aplanar-se e escorre tinta do lado errado do rectângulo. Tinta espessa transformada em desenho de cidade distante onde os azuis dantes dominantes, dão agora lugar a vermelhos, roxos e castanhos. A cidade distante parece velha.

2. Um segundo minuto surge:

2.1 Cidade desenhada e logo após desaparecida.

2.2 – Intempérie no espaço dominado pela mancha do rio.

2.3 Um leve perscrutar da cidade, agora azul e em mancha claramente desfocada.

2.4 – Uma raiz castanha invade o espaço de um verde próximo e de novo surge o desenho da cidade.

2.5 Raízes que nos levam a árvore e nos afastam da cidade.

2.6 De novo o elemento animal. Aves negras aparecem e desaparecem.

2.7 A terra verde, seca e gretada. Ao fundo, chamas parecem invadir o desenho da cidade e um veado foca-se no enquadramento, uivando sem se ouvir, atirando mais fogo e desaparecendo de uma

paisagem mais gretada, mais negra e branca, perceptivelmente queimada.

2.8 O vazio é agora ocupado por reproduções de arquitectura urbana em tempo de guerra, em tempo de invasões, de destruição sempre.

2.9 Nuvens negras. Desenho negro das cúpulas arquitectónicas da cidade pontuadas por traços / fios lancinantes de um vermelho perceptível e depois flamejante.

3. Um terceiro minuto:

3.1 Cidade desenhada em revoltos traços de arquitectura que se transformam em imagem de povos em luta pontuados de fios sempre encarnados.

3.2 O fogo e manchas. O vermelho e o azul sobreposto e cruzado em contornos redondos, espraiaantes, metamorfoseados para um negro onde o azul dos cornos de um veado faz a sua entrada. Veado traçado a fios azuis e fios vermelhos repetidamente emergentes.

3.3 O rosto e o retrato do veado definido e logo esboroadado num céu carregado e carregando sobre a mancha pastel da cidade. Sempre os fios vermelhos e agora a queda livre do mesmo vermelho no enquadramento, como tinta atirada e escorrendo no óleo e na água interior de um aquário.

3.4 Próximo e rápido, estruturas fortes de ferro de ponte, em pinceladas rápidas... quase descuidadas.

3.5 A ponte, a visão do fim da ponte, a estrutura da ponte, uma corça e traços em imagem estática.

3.6 Matéria brutal, de tinta grossa e compacta, traça novo percurso em cima dos nossos olhos, com brilhos sobre matéria gorda, tapando num negro onde nasce em azul uma cabeça de serpente... será de enguia? Sempre fios vermelhos, agora grossos.

4. Um minuto quarto:

4.1 Novo quadro. No interior da cidade, junto a rio e a ponte, o tempo dita mudanças vegetativas e a aguarela invade todo o quadro de encarnado.

4.2 Construções verdes, possíveis cubos num céu vermelho construído a grossa e brutal trincha.

4.3 Serpente / enguia agora verde, zigzagueante.

4.4 Desenho a sangria de cavalo portador de cavaleiro da justiça numa cidade negra de céu ainda mais presente e ainda mais negro.

4.5 Do ar (um ponto de vista elevado mas ainda assim quase próximo), a fotografia da cidade, sempre com brutais nuvens em camada mais próxima. Fios / riscos vermelhos contornando cada geometria arquitectónica.

4.6 Mancha brutal negra e veado azul.

4.7 Piranha vermelha que afinal já não é possível ser serpente / enguia.

5. O quinto minuto:

5.1 Confronto azul / vermelho. Confronto veado / piranha.

5.2 Hegemonia vermelha, entreacto da cidade. Cornos vermelhos de veado.

5.3 Traços de quase giz a construírem corça de cuja barriga saem em voo asas azuis.

5.4 Corça / cavalo rebola antes de cidade cinzenta ser tapada de tinta escorrida, obviamente vermelha. Depois fogo e destruição.

5.5 Quadrado ausência, manchas por aí... sem sentido, sobrepondo-se, tapando-se, escondendo-se. Até ao negro? Quase...

5.6 Pináculos de uma cidade mais clara mas sem verdadeira luz. Porque virada ao contrário, como toda a cidade que se esvai, cai, escorrega, deixando manchas e traços virais de espátula. Até construir um negro quase total.

6. O sexto e último minuto:

6.1 O ocre.

6.2 Gretas abrem espaço de reflexo onde a cidade agora espreita... pelo rio que se abre no ocre.

6.3 Um homem branco caminha ao longe. O homem, depois veado e agora cabeça de veado. Sempre branco e desenho e a cidade negra ainda destruída.

6.4 Carótida de paisagem verde e pináculos castanhos a subir.

6.5 A cidade reconstrói-se entre as manchas verdes do depois e do antes geo-espacial. Depois, entre os fios / traços vermelhos, prédios que se recompõem.

6.6 A neve? O branco substituindo muito do negro? Talvez mais as cores dilatando espaços, definindo construções, construindo pontos de evasão, marcando quadrados de paisagem multicolor, de um outro tempo onde outras actividades multiplicam actos de vida.

6.7 O veado é agora um contraluz. É o totem da cidade.

6.8 Vuk termina com a menção 'Film inspired by the artists who lived in the city of Dresden'

No convulsar de 6 minutos de uma parede / tela, de uma visão matéria de uma cidade, espaço multi-atómico (terra/água, negro/ocre, verde/castanho, urbano/floresta...), de tempo múltiplo (memória), a obra incrusta-se na visão de autor onde 'paciência' é palavra inesperadamente forte.

Paciência pela força da história de Dresden, pelo repetir de olhares negros e encarnados na consecutiva abordagem de tempos sucessivos.

Memória que a fotografia identifica mas que a pintura esclarece, recria e multiplica em dinâmicas imagéticas.

Um quadro ditosamente pastoso que dilacera o olhar do visitante da obra na convulsão do movimento rápido do cinema/mecânica de exibição pictórica. Um quadro, um imenso espaço de pintura (sobretudo de tinta, muita tinta), de desenho (sobretudo fios de traços), um inesperado suporte para tornar voraz a aceitação da tinta, das cores, da figuração, da espacialidade e da opção de cravar mancha voraz em cada contexto de espaço e tempo.

Conclusão

A obra de Vuk, materializada no quase hino à pintura, encontra nas 24 imagens por segundo uma razão para se multiplicar, falar mais rápido e não deixar o visitante/espectador detido numa imagem só.

Vuk parece não querer terminar as suas construções de imagens e supõe-se preferir passar a novo estado sem que o obriguem a dizer: 'pintura terminada'. É volátil no pensamento que lhe transforma e dinamiza a mão, é criador compulsivo de imagens em constante metamorfose, é marcador de sinalética coerciva e atirador de tinta para onde não se lhe previa.

Patience of the Memory é uma obra que Vuk Jevremovic terminou em 2009 e mostrou em Portugal no mesmo ano. •

Referências

Jevremovic, Vuk (2009) *Patience of the Memory*, (filme de animação), Alemanha.

Jevremovic, Vuk (2007) *Biografia* . [Consult. 2009-12-10] Disponível em <URL:<http://www.vukjevremovic.com/web.asp?u=biografia>>